

*Eu Falo, Tu Falas E Ninguém Ouve: conversas sobre sexo e sexualidade entre
adolescentes e jovens no espaço escolar*

*I Speak, You Speak, Nobody Listens: conversations about sex and sexuality among
teenagers and adolescents in the school space*

*Hablo, Hablas Y Nadie Escucha: conversaciones sobre sexo y sexualidad entre
adolescentes y jóvenes en la escuela*

Recebido: 20/06/2020 | Revisado: 25/06/2020 | Aceito: 26/06/2020 | Publicado: 09/07/2020

Mariana Almendra Cavalcante do Nascimento

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5657-9977>

Fiocruz-Piauí; Serviço Social/UFPI, Brasil

E-mail: marianaalmendra@hotmail.com

Liana Maria Ibiapina do Monte

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8339-8477>

Fiocruz-Piauí; UNIFAPI, Brasil

E-mail: lianaibiapina@yahoo.com.br

Ranieri Flávio Viana de Sousa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3372-0023>

Fiocruz-Piauí, Brasil

E-mail: ranieriflavio@hotmail.com

Brenna Galtierrez Fortes Pessoa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6421-5754>

Fiocruz-Piauí; PPGPP-UFPI, Brasil

E-mail: brennagaltierrez@hotmail.com

Alba da Silva Mateus

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4483-179X>

Fiocruz-Piauí; UNIFAPI, Brasil

E-mail: albanick.13@gmail.com

Elaine Ferreira do Nascimento

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1632-9148>

Fiocruz-Piauí; PPGPP-UFPI, Brasil

E-mail: negraelaine@gmail.com

Resumo

O artigo tem por objetivo desenvolver uma análise do diálogo sobre sexo e sexualidade entre adolescentes e jovens e difundir o conhecimento sobre o assunto na sociedade, sob a luz da saúde pública e dos direitos humanos e sexuais dos jovens. Por esse ângulo, foram realizadas, transcritas e analisadas duas questões de entrevistas com adolescentes e jovens de uma escola estadual e técnica de Teresina-Piauí para compreender: *o que conversam e falam sobre sexo com os amigos, com os pais e/ou com os professores e se consideram importante o diálogo sobre sexo e sexualidade*. A metodologia utilizada foi uma pesquisa qualitativa, as informações foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas e baseou-se em um estudo analítico interpretativo realizado no período de agosto a dezembro de 2019, em uma escola pública de ensino técnico, localizada em Teresina, capital do Piauí, região do Nordeste brasileiro. Esse artigo se concentrou em oito estudantes, sendo cinco alunas com idades entre 16 e 18 anos e três alunos com idades entre 17 e 18 anos. Os resultados apontam as dúvidas, os medos e os constrangimentos que os adolescentes e jovens atravessam no período de iniciação da vida sexual, fruto da construção social que é guiada por ideologias classistas, sexistas, homofóbicas, adultocêntricas e heteronormativas.

Palavras-chave: Adolescente/Jovem; Sexualidade; Diálogo; Escola.

Abstract

The article aims to develop an analysis of the dialogue conversations about sex and sexuality among teenagers and adolescents people and to spread knowledge about the subject in society, in the light of public health and the human and sexual rights of young people. From this angle, two questions of interviews with teenagers and adolescents people from a state and technical school in Teresina-Piauí were carried out, transcribed and analyzed to understand: *what they talk and talk about sex with friends, parents and / or with teachers and the dialogue on sex and sexuality is considered important*. The methodology used was a qualitative research, the information was collected through semi-structured interviews and was based on an interpretative analytical study carried out from August to December 2019, in a public technical school, located in Teresina, capital of the Piauí, Northeast Brazilian region. This article focused on eight students, five students aged between 16 and 18 years old and three students aged between 17 and 18 years old. The results point out the doubts, fears and constraints that teenagers and adolescents people go through during the initiation of sexual life, as a result of the social construction that is guided by classist, sexist, homophobic, adult-centric and heteronormative ideologies.

Keywords: Adolescents/Teenagers; Sexuality; Dialogue; School.

Resumen

El artículo tiene como objetivo desarrollar un análisis del diálogo sobre sexo y sexualidad entre adolescentes y jóvenes y difundir el conocimiento sobre el tema en la sociedad, a la luz de la salud pública y los derechos humanos y sexuales de los jóvenes. Desde este ángulo, se realizaron, transcribieron y analizaron dos preguntas de entrevistas con adolescentes y jóvenes de una escuela estatal y técnica en Teresina-Piauí para comprender: qué hablan y hablan sobre sexo con amigos, padres y / o con Los docentes y el diálogo sobre sexo y sexualidad se consideran importantes. La metodología utilizada fue una investigación cualitativa, la información se recopiló a través de entrevistas semiestructuradas y se basó en un estudio analítico interpretativo llevado a cabo de agosto a diciembre de 2019, en una escuela técnica pública, ubicada en Teresina, capital de Piauí, región nororiental brasileña. Este artículo se centró en ocho estudiantes, cinco estudiantes de entre 16 y 18 años y tres estudiantes de entre 17 y 18 años. Los resultados señalan las dudas, los temores y las limitaciones que los adolescentes y jóvenes atraviesan durante el inicio de la vida sexual, como resultado de la construcción social guiada por ideologías clasistas, sexistas, homofóbicas, centradas en adultos y heteronormativas.

Palabras clave: Adolescente/joven; Sexualidad; Diálogo; Escuela.

1. Introdução

A adolescência ou puberdade, fase de transição entre a infância e a vida adulta, é um período marcado por diversas transformações físicas, psicológicas, emocionais e sociais. Estas transformações tem o poder de acarretam o surgimento de um ciclo com novas experiências, tanto no campo social quanto afetivo (Oliveira et al., 2017; Spindola et al., 2018).

Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), a juventude compreende a idade entre os 15 e 24 anos, e é nesta fase que são iniciados os desejos e as realizações das primeiras experiências sexuais são desencadeadas, bem como a violência e o conhecimento acerca do sexo e da sexualidade são construídos. Porém, na maioria das vezes, essa educação sexual não é propícia, fomentando em uma iniciação sexual – descoberta do corpo - cada vez mais precoce entre os jovens (Soares et al., 2015; Martins et al., 2018; Miranda et al., 2018).

Nesta perspectiva, muitos adolescentes e jovens têm a iniciação sexual sem o prévio

conhecimento sobre sexo e sexualidade, ficando sujeitos à gravidez indesejada e as Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST (Rodrigues et al., 2014; Soares et al., 2015). Esta em último é decorrente, principalmente, do contato sexual, sem a utilização de proteção com pessoas que já se encontram infectadas, bem como, através do compartilhamento de objetos de higiene pessoal (Rufino et al., 2016; Martins et al., 2018).

Os riscos são causados pelo desconhecimento dos adolescentes e jovens quanto à prevenção da saúde, além disso, muitos não sabem diferenciar sexo de sexualidade (Lima et al., 2013; de Campos & Martins, 2017). O sexo, conforme Campos e Martins (2017), refere-se às características da anatomia e da funcionalidade do corpo humano, aos aspectos biológicos do sistema reprodutivo e a relação sexual de fato. Já a sexualidade, de acordo com Ciriaco et al. (2019), engloba a subjetividade, a afetividade, a orientação sexual, os sentimentos, os fatores relacionados à cultura e religiosidade de cada indivíduo e o bem-estar como o todo.

Nesse sentido, os jovens não conhecem o próprio corpo e, conseqüentemente, não entendem a própria sexualidade, popularizando ideias preconceituosas quanto à identidade de gênero e a orientação sexual, já que o diálogo não é facilmente experimentado (Almeida et al., 2017; Genz et al., 2017). Conforme Cruz et al. (2018), ainda que alguns adolescentes possam conhecer os métodos preventivos, dialogar e compreender sobre o tema é fundamental para que reduzam os casos de IST entre os adolescentes.

O diálogo acerca do sexo e da sexualidade, ainda mais nesta fase da vida, engendra nos adolescentes e jovens sentimentos de medo e angústia, bem como dúvidas e constrangimentos. Estas sensações ocorrem, pois os preceitos da sociedade costumam ser guiados pelo viés da interdição, existindo quando há ausência de diálogo entre os pares que geralmente são pessoas que possuem o mesmo grupo sanguíneo e/ou ideias, onde falar abertamente sobre ambas as temáticas é considerado tabu (Nascimento et al., 2019).

Por conta dessa ausência de diálogo entre os adolescentes e jovens, a visão sócio-histórica do sexo e da sexualidade fica limitada aos conhecimentos sobre o uso de contraceptivos para prevenção de IST e de gravidez (Martins et al., 2018). Desta forma, foi escolhido para a análise a questão da sexualidade enquanto dimensão da vida humana em sociedade, tendo como escopo de pesquisa a investigação do processo que se inicia na adolescência e que envolve, especificamente, a subjetividade do ser.

A questão da subjetividade do ser é referenciada em Foucault (1998) na sua obra *A história da sexualidade: a vontade de saber*, que mostra a subjetividade da sexualidade enquanto dispositivo de poder, criando, inclusive, relações de saber/poder entre os indivíduos.

Além disso, os estudos foucaultianos traçam uma análise da sexualidade que se afasta da visão do sexo como uma dimensão somente biológica, que se limita apenas a leitura e análise sobre os órgãos genitais femininos e masculinos. Esse discurso do século XIX baseava-se, no entanto, na biologia da reprodução (Carvalho & Oliveira, 2017).

Já na contemporaneidade, em pleno século XXI, os saberes, as percepções e as atitudes dos adolescentes sobre sexo, sexualidade e diálogo ainda ocorre de forma restrita devido a fatores associados às IST e a iniciação sexual que gera a gravidez precoce em muitas meninas-mulheres (Almeida et al., 2017). Nesse sentido, a vivência dos adolescentes com o sexo e a sexualidade ainda não é compartilhada entre os pares, sendo arraigado o pensamento do senso comum, tendo a adolescência somente como uma transição da infância para a vida adulta sem ter um olhar acerca das repercussões sociais, culturais e psíquicas causadas nesta fase (Nascimento et al., 2019). Isso pode trazer consequências como a falta de diálogo familiar, resultando na dificuldade e na limitação do jovem em explorar sobre a temática, tirar suas dúvidas e compartilhar seus anseios com os pais, com os amigos e no ambiente escolar (Almeida et al., 2017).

Assim, esse artigo busca desenvolver uma análise do diálogo sobre sexo e sexualidade entre adolescentes e jovens e difundir o conhecimento sobre o assunto na sociedade, sob a luz da saúde pública e dos direitos humanos e sexuais dos jovens. Por esse ângulo, foram realizadas, transcritas e analisadas duas questões de entrevistas com adolescentes e jovens de uma escola estadual e técnica de Teresina-Piauí para compreender:

O que conversam, e falam sobre sexo com os amigos, com os pais e/ou com os professores e se consideram importante o diálogo sobre sexo e sexualidade.

2. Metodologia

A metodologia utilizada é de natureza qualitativa e baseou-se em um estudo analítico interpretativo realizado no período de agosto a dezembro de 2019, relacionado a conversas sobre sexo e sexualidade com adolescentes e jovens em uma escola pública de ensino técnico, localizada em Teresina, capital do Piauí, região do Nordeste brasileiro. Esse artigo se concentrou em oito estudantes, sendo cinco alunas com idades entre 16 e 18 anos e três alunos com idades entre 17 e 18 anos.

Essa investigação pautou-se na análise do conhecimento de adolescentes e jovens sobre as questões relacionadas ao sexo, através de entrevistas semiestruturadas abordando os

conhecimentos sobre assuntos que envolvem sexo e as sexualidades, com recorte de gênero, buscando estabelecer uma aproximação com as experiências vivenciadas pelos participantes.

Minayo (2008) caracteriza a entrevista como uma técnica privilegiada de comunicação, pois permite a interação entre os sujeitos, auxiliando na construção de informações elementares para responder à pergunta norteadora da pesquisa. Dentre os tipos de entrevista, existe a semiestruturada que “[...] combina perguntas fechadas e abertas (Minayo, 2008, p. 261). Nesta perspectiva, tal técnica facilita a articulação entre o entrevistador e os entrevistados, por ser uma conversa dirigida em que para discorrer sobre as indagações não precisam se prender a perguntas formuladas.

O roteiro da entrevista possuía oito perguntas que abrangiam temas como: sexo, sexualidade, infecções sexualmente transmissíveis e violência nas relações afetivo-sexuais. Para o presente trabalho, foram utilizadas questões relacionadas às conversas sobre sexo e sexualidade. Os dados oriundos da entrevista foram analisados através do método de interpretação de sentidos, tendo como finalidade a compreensão dos dados coletados e a ampliação do conhecimento acerca do assunto pesquisado, resultando em categorias de análise (Gomes, 2007).

Os passos utilizados para a interpretação dos diálogos foram: (a) leitura compreensiva, com vistas à impregnação do conjunto e à apreensão das particularidades; (b) identificação e recorte temático; (c) reconhecimento e problematização das ideias explícitas e implícitas nos discursos; (d) busca de sentidos mais amplos e subjacentes às falas dos sujeitos da pesquisa; (e) diálogo entre as ideias problematizadas provenientes de outros estudos acerca do assunto; (f) elaboração de síntese interpretativa, procurando articular o objetivo do estudo, dados empíricos e a base teórica adotada (Gomes, 2007).

Atribuiu-se neste artigo as seguintes categorias analíticas:

O que se quer saber e onde se busca? : informação sobre sexo e sexualidade e tudo que eu queria saber sobre sexo e sexualidade, mas tinha vergonha de perguntar.

Vale ressaltar que todas e todos os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e para manter o anonimato as entrevistas estão identificadas com codinomes, acrescido da idade de cada participante.

A pesquisa na qual este artigo está inserido foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão – FACEMA, sendo aprovado com o registro CAAE: 84487918.6.0000.8007, sob o de Número

do Parecer: 2.555.605.

3. O que se quer saber e onde se busca? informação sobre sexo e sexualidade

A ausência de diálogo entre adolescentes e jovens sobre sexo e sexualidade é um problema que precisa ser enfrentado. A análise dos dados confirmou que o não diálogo sobre sexo e sexualidade entre adolescentes e jovens se constitui em um grande obstáculo, se mantendo no campo das interdições, resistências e dificuldades acerca desses temas (Nascimento et al., 2019).

Foi possível observar durante as entrevistas que com algumas pessoas o diálogo não fluía, o que acontecia por se tratar de um assunto que não é discutido e tão pouco estimulado. Constantemente um sorriso ou dois eram soltos durante as falas, seguido por sentimentos de vergonha e constrangimento, já que o sexo, como ato, e a sexualidade como relações mais amplas são consideradas como algo íntimo, privado e silencioso (Nascimento et al., 2019).

Os adolescentes e jovens não conversavam com os pais sobre sexo, alguns tentavam dialogar com a mãe ou com os irmãos, ainda assim, o diálogo era reduzido e superficial. Esta é uma dificuldade que pode ser evidenciada pelo engendramento conservador da sociedade brasileira que se concentra em camuflar acerca de tudo que envolve a sexualidade. Desta forma as relações baseadas nas diferenças sejam elas de geração e gênero entre adolescentes e adultos reforçam essas interdições (Nascimento et al., 2019). Por ser considerado tabu, o diálogo sobre sexualidade e sexo é obtido pelos adolescentes através, preponderantemente, dos amigos e dos meios midiáticos (Almeida et al., 2017). Como revela este depoimento do jovem Marcos:

Marcos, 17 anos	<i>Com ninguém. Sei mais [sobre sexo] por plataformas de conteúdo de vídeo (...) do YouTube...</i>
-----------------	--

Os entrevistados relataram que conversam sobre tudo com os amigos (as) pela proximidade do dia a dia, ainda assim, o tudo não abrange as relações sexuais. A dificuldade de diálogo é perpassada pelas gerações que entendem o sexo como algo íntimo e privativo. A falta de comunicação e diálogo influi na vida sexual precoce e em comportamentos questionáveis acerca do conhecimento sobre a educação sexual, como demonstra a fala das meninas e um menino:

Maria, 18 anos	<i>Sobre sexo não [e você conversa com quem?] com uma amiga minha, mas são poucas, duas amigas que eu já falei sobre isso.</i>
Martha, 17 anos	<i>Acho que com minhas amigas também [o que você conversa com suas amigas?] se alguém é virgem além da gente (...)</i>
Miguel, 18 anos	<i>Com amigos, eu falo... converso diferente do que as meninas (...) Depende da situação, às vezes quando acontece uma situação inusitada, ou então quando 'tá' na escola.</i>

Ainda, muitos deles contam com a ausência de diálogo sobre sexo e sexualidade, como revela a entrevistada que é religiosa:

Maria, 18 anos	<i>(...) [com] ninguém...</i>
----------------	-------------------------------

Neste caso, a religião contribuiu para a dificuldade em dialogar sobre sexo, pois os discursos que seguem o sexo e a sexualidade são pautados em uma moral ligada a preceitos religiosos (Campos & Martins, 2017). Este aspecto religioso faz parte do processo de formação cultural e social dos indivíduos. Os autores afirmarem que o conhecimento sobre sexo e sexualidade perpassa por questões de gênero, socioculturais e religiosas. Este conceito é ratificado pelo jovem Matheus em seu discurso:

Matheus, 18 anos	<i>Por que assim, eu sou da igreja. E aí, a gente conversa mais sobre igreja. Eu tenho mais meus amigos como é que se diz? Tipo grupo dos meus amigos mesmo, e sobre a igreja mesmo.</i>
------------------	--

No que se refere ao diálogo com os pais, a proximidade é vista como inexistente, confirmando os sentimentos de vergonha e constrangimento que o assunto carrega. Os pais, de certa maneira, foram influenciados por padrões rígidos de sua infância e projetam a mesma criação nos filhos, que inseguros não possuem a liberdade em dialogar e questionar, pois crescem ouvindo também frases tais como: “sexo só depois do casamento” ou “isso é promíscuo”.

Martha, 17 anos	<i>Com os meus pais não (...) porque eu tenho vergonha, eu fico constrangida de falar sobre sexo na frente deles.</i>
-----------------	---

Muriel, 18 anos	[Com minha mãe] <i>acho que... poucas coisas assim, não é especificando sobre sexo não... não sei dizer não.</i>
Maurizete, 16 anos	<i>Eu não converso muito sobre sexo (...) eu tenho vergonha de falar dessas coisas.</i>
Maria, 18 anos	<i>Sobre sexo não.</i>

Assim como as moças, os rapazes também possuem dificuldade no diálogo sobre sexo com os pais, prevalecendo o sentimento de vergonha e insegurança ao abordar o assunto. A abordagem do sexo no diálogo, no caso do jovem Matheus, é tão somente com o seu pai, como é dito por ele:

Matheus, 18 anos	<i>...Não... Só se for com meu pai mesmo, ele me dá umas dicas e tudo... Ele explica como é a vida e tudo [E, com sua mãe conversa a respeito?] Não disso.</i>
------------------	--

Com o jovem Miguel há certa flexibilidade no diálogo, mas as trocas de informações são apenas referentes ao que fazer durante as relações sexuais – ato sexual propriamente dito, preservativos e IST:

Miguel, 18 anos	<i>Meus pais, pergunto muito 'pra' eles... Mais com meu pai [o que vocês conversam?] Sobre a questão que...como tratar uma mulher na hora da relação sexual [mais alguma coisa?] Não.</i>
-----------------	---

A permissão do diálogo é possível com seu pai, talvez por serem do mesmo sexo e existir, no entanto, este aspecto facilitador. Nery et al. (2015) corroboram com essa reflexão ao apontar por meio de seus estudos que para o filho homem é mais fácil abordar sobre a temática com o pai, devido a maneira como cada gênero vive sua sexualidade.

De acordo com Miranda et al. (2018), os pais seriam peças chaves importantes para promover a educação sexual dos adolescentes no período inicial da vida sexual, por meio de diálogos, orientações e aconselhamentos. No entanto, percebeu-se que existe uma dificuldade

eminente dos adolescentes em relatar sobre seus medos, dúvidas e experiências, uma vez que, não são estimulados em seu processo de formação social, familiar e educacional.

Maurizete, 16 anos	<i>Eu não converso muito sobre sexo... eu tenho vergonha de falar dessas coisas [por que?] Acho que não sei, se é alguma imaturidade minha, de não conseguir ouvir direito em um encontro desinformal, tipo em alguma palestra ou alguém falando sério 'pra' mim... mas falar assim, eu falar, não falo não.</i>
--------------------	--

Até mesmo sendo motivadas e indagadas durante a entrevista, a discussão e a reflexão sobre o sexo voltaram-se, mais uma vez, para as questões relacionadas às IST. As informações repassadas para os adolescentes centram-se no sistema reprodutor, enfatizando os métodos contraceptivos:

Milena, 17 anos	<i>... Eu ouço falar (...) em algumas aulas, as professoras 'vai' falar sobre isso, mas em escola... Os professores explicam as coisas, os órgãos... os órgãos femininos e os órgãos masculinos, porque são coisas que basicamente a gente já sabe, mas não converso com ninguém sobre.</i>
-----------------	---

Nesse sentido, os relatos explicitaram a dificuldade que os adolescentes e jovens tem em dialogar sobre sexo, seja com a família, na escola ou até mesmo com os amigos. Assim, fica evidente que o sexo é permeado por vários fatores impostos pela cultura ao longo da série histórica e que na sociedade existe uma marca identitária que padroniza o comportamento dos indivíduos (Nascimento et al., 2019). Diante disso, os adolescentes e jovens tendem a seguir tal padrão: patriarcal, machista, dominador e cisgênero, corroborando para a imposição de questões ligadas a juventude, ao sexo e a sexualidade devido ao medo de ir “contra a corrente” e dialogar sobre a temática, já que falam e ninguém ouve.

4. Tudo que eu queria saber sobre sexo e sexualidade, mas tinha vergonha de perguntar

Quanto ao aspecto da sexualidade, há envolvido processos históricos, culturais e sociais, pois cada sujeito possui sua singularidade e infinitas possibilidades. Ew et al. (2017)

refletem que existem mitos e preconceitos que envolvem o silêncio dos jovens quanto a sexualidade, principalmente no ambiente familiar e escolar.

Perante o silêncio da família, os adolescentes e jovens buscam obter respostas para suas incertezas em fonte de informações como os amigos e a *internet*. Entretanto, reduzem a sexualidade ao mero ato sexual e ao prazer, como uma necessidade biológica inerente ao ser humano (Carvalho et al., 2018). Diante disso, esquivam-se da compreensão da orientação sexual e do desenvolvimento da própria personalidade formada e firmada durante esta fase da vida.

Muriel, 18 anos	<i>... Acho... 'pra' pessoa não se privar sabe... 'tipo', procurar saber se a outra pessoa 'tá' saudável, se prevenir, não fazer nada errado, porque eu conheço muitas pessoas que fizeram a primeira vez e já engravidaram sem querer, então essas coisas.</i>
-----------------	---

No entanto, a sexualidade precisa ser interpretada e destacada também na adolescência, já que faz parte da descoberta da vida sexual de cada jovem. Os diálogos sobre a sexualidade com os filhos podem possibilitar as orientações a fim de esclarecer dúvidas importantes dos adolescentes (Savegnago & Arpini, 2016). Porém, como destacado anteriormente, a relação sexualidade-subjetividade acaba se tornando algo doloroso, escondido e interdito pelo padrão heteronormativo vigente:

Maria, 18 anos	<i>Porque 'tipo' assim, hoje em dia mesmo tem muito preconceito com as pessoas... nas brincadeiras, as brincadeiras que as pessoas fazem, mesmo sendo assim superficiais, acaba atingindo as pessoas... até na sala mesmo tem preconceito.</i>
Maurizete, 16 anos	<i>Eu não sei, eu não se a pessoa já nasce assim... gay ou lésbica... mas eu acho que é importante falar, 'tipo', a pessoa ter alguém com quem desabafar sobre isso, falar sobre como 'tá' se sentindo e a pessoa não julgar ela, entende... tipo, dar um conselho ou falar tudo bem, é normal assim você se sentir nesse momento</i>

Nesse sentido, Marinho (2018), ao abordar sobre as relações de gênero, sexualidade e adolescência na sociabilidade do capital, situa estas categorias como sendo permeada por questões sociais, de classe, gênero, raça/etnia, orientação sexual, religião, região e

territorialidade, guiadas por ideologias classistas, sexistas, homofóbicas e adultocêntricas como se os adolescentes não fossem sujeitos de direitos e de desejos. Este conceito é perceptível durante a fala de Milena:

Milena, 17 anos	<i>Eu sou cristã e pra mim, é... a mulher foi feita pra casar com homem, então... é... em relação a essas coisas sobre as pessoas escolherem ou não se identificarem, eu acho que é delas. Eu respeito as pessoas que tem sua orientação, só que 'pra' mim, eu sou hétero, e é isso.</i>
-----------------	--

Os adolescentes têm, portanto, seus direitos sexuais negligenciados, pois não se dialoga sobre a temática e a compreensão dos fatores que envolvem a questão não é assimilada por todos. Um exemplo da violação de direitos é quando os adolescentes são reprimidos por suas escolhas e por suas identidades, precisando se adequar ao padrão heteronormativo imposto (Dornelles & Dal'Igna, 2015). Muitas dessas violações como a discriminação e a violência que os jovens enfrentam quanto à sexualidade são interceptados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos:

“Art. II. Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, opinião, ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição” (Declaração Universal Dos Direitos Humanos, 1948).

O depoimento que segue ilustra o pensamento dos jovens quanto aos direitos e liberdades que possuem, bem como ao respeito e a empatia que deveria prevalecer nas relações entre os pares:

Muriel, 18 anos	<i>Cada um tem suas diferenças, todo mundo tem que entender o outro e respeitar... acho que é isso.</i>
-----------------	---

Em relação aos comportamentos dos jovens, perpassando o campo da sexualidade, a construção dos discursos contorna a resistência em falar sobre sexo, questões afetivo-sexuais, masturbação, orientação sexual e identidade de gênero (Dornelles & Dal'Igna, 2015), como relatou Martha:

Martha, 17 anos	<i>Porque eu tenho vergonha, eu fico constrangida [...] de falar sobre sexo na frente deles.</i>
-----------------	--

No que tange esta real relutância ao diálogo, é necessário desconstruir o modelo machista e heteronormativo que permeia as relações, para que os adolescentes e jovens não fiquem envolvidos em dúvidas que - diga-se de passagem - são próprias dessa fase da vida, que consigo já carrega fragilidades e responsabilizações (Nascimento et al., 2019).

5. Considerações Finais

A discussão desse artigo trouxe a importância do diálogo a temáticas ligadas ao sexo e as sexualidades, destacando a interdição existente nas relações entre os pares, já que o sexo é considerado um assunto íntimo, privado e regado por tabus. As conversas proporcionadas pelo processo das entrevistas mostraram as dúvidas, os medos e os constrangimentos que os adolescentes e jovens atravessam no período de iniciação da vida sexual, fruto da construção social.

Este ideário social repercute nas questões de gênero e idade, devido resistente e existente hierarquia entre pais e filhos, ou seja, meninas costumam conversar com as mães e meninos com os pais. Porém, a maioria dos entrevistados nega o diálogo com alguém da família. Ainda assim, quando a permissão para o diálogo acontece, o discurso é restringido à temática da gravidez indesejada e das Infecções Sexualmente Transmissíveis, em outras palavras não é instigada a subjetividade do sujeito, limitando-se apenas o sexo.

Tanto a escola quanto, principalmente, os pais precisam oportunizar o diálogo sobre sexo e sexualidade, entendendo que cada sujeito possui seus próprios desejos e temores, e sua própria identidade. Assim, as inseguranças dos adolescentes serão amenizadas, desconstruindo o impedimento presente no meio social, familiar e escolar, afim de que os jovens gozem os direitos da liberdade, do respeito e da fala; e que as Políticas Públicas inerentes à saúde, a educação, a sexualidade e a juventude sejam efetivadas.

Referências

Almeida, R. A. A. S., Corrêa, R. da G. C. F., Rolim, I. L. T. P., Hora, J. M., Linard, A. G., Coutinho, N. P. S., & Oliveira, P. da S. (2017). Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. *REBEn*, 70(5), 1087–1094.

Carvalho, G. P. de, & Oliveira, A. S. Q. de. (2017). Discurso, Poder E Sexualidade Em Foucault. *Revista Dialectus*, 11. <https://doi.org/10.30611/2017n11id31003>

Carvalho, G. R. de O., Pinto, R. G. S., & Santos, M. S. (2018). Conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis por estudantes adolescentes de escolas públicas. *Adolescencia e Saude*, 15(1), 7–17.

Ciriaco, N. L. C., Pereira, L. A. A. C., Campos-Júnior, P. H. A., & Costa, R. A. (2019). A importância do conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) pelos adolescentes e a necessidade de uma abordagem que vá além das concepções biológicas. *Revista Em Extensão*, 18(1), 63–80. <https://doi.org/10.14393/ree-v18n12019-43346>

Declaração Universal dos Direitos Humanos, (1948).

Cruz, L. Z., Andrade, M. S., Paixão, G. P. do N., Silva, R. S. da, Maciel, K. M. do N., & Fraga, C. D. de S. (2018). Conhecimento dos adolescentes sobre contracepção e infecções sexualmente transmissíveis. *Adolescência & Saúde*, 15(2), 7–18.

de Campos, T. E., & Martins, R. A. (2017). Relação entre conduta, conhecimento sexual e uso de preservativo entre alunos e professores do Ensino Médio. *Adolescencia e Saude*, 14(1), 37–44.

Dornelles, P. G., & Dal’Igna, M. C. (2015). Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas nas práticas pedagógicas da educação física escolar. *Educação e Pesquisa*, 41(spe), 1585–1599. <https://doi.org/10.1590/s1517-9702201508142508>

Ew, R. D. A. S., Conz, J., Farias, A. D. G. de O., Sombrio, P. B. M., & Rocha, K. B. (2017). Diálogos sobre sexualidade na escola: uma intervenção possível. *Revista Psicologia Em Pesquisa*, 11(2), 51–60. <https://doi.org/10.24879/2017001100200155>

Foucault, M. (1998). *Foucault História Sexualidade I A Vontade De Saber*. 149.
<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

Genz, N., Meincke, S. M. K., Carret, M. L. V., Corrêa, A. C. L., & Alves, C. N. (2017).

Doenças sexualmente transmissíveis: Conhecimento e comportamento sexual de adolescentes. *Texto e Contexto Enfermagem*, 26(2), 1–12. <https://doi.org/10.1590/0104-07072017005100015>

Gomes, R. (2007). Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*.

Lima, D., Porto, F., Oguisso, T., Neto, M., & Nassar, P. (2013). Rito Institucional Em Homenagem a Anna Nery: Salvador (Ba), No Século Xix Rito. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, 5(2), 3572–3579. <https://doi.org/10.9789/2175-5361>

Marinho, S. (2018). Diversidade de gênero na sociabilidade capitalista patriarcal: as identidades trans em perspectiva. *Revista Katálysis*, 21(3), 602–610. <https://doi.org/10.1590/1982-02592018v21n3p602>

Martins, D. C., Pesce, G. B., da Silva, G. M., & Fernandes, C. A. M. (2018). Sexual behavior and sexually transmitted diseases among the female partners of inmates. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 26. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.2568.3043>

Minayo, M. C. de S. (2008). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. In *Editora Hucitec: Vol. 11ª edição*.

Miranda, P. S. F., Aquino, J. M. G., Monteiro, R. M. P. de C., Dixe, M. D. A. C. R., Luz, A. M. B. da, & Moleiro, P. (2018). Sexual behaviors: study in the youth. *Einstein (Sao Paulo, Brazil)*, 16(3), eAO4265. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082018AO4265>

Nascimento, E. F. do, Monte, L. M. I. do, Moreno, M. C., Silva, M. V. da, & Oliveira, M. de L. (2019). Os sentidos das masculinidades juvenis num contexto de cuidado. *Brazilian Applied Science Review*, 3(1), 631–640.

Nery, I. S., De Moura Feitosa, J. J., De Sousa, Á. F. L., & Fernandes, A. C. N. (2015). Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. *ACTA Paulista de Enfermagem*, 28(3), 287–292. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201500048>

Oliveira, P. C., Pires, L. M., Junqueira, A. L. N., Vieira, M. A. D. S., Matos, M. A., Caetano, K. A. A., Minamisava, R., Teles, S. A., & Souza, M. M. de. (2017). Conhecimento em saúde sexual e reprodutiva: estudo transversal com adolescentes. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 19, 1–11. <https://doi.org/10.5216/ree.v19.39926>

Rodrigues, M. O., Onofre, P. S. de C., Oliveira, P. P., & Amaral, J. L. (2014). Conhecimento dos adolescentes de uma escola da rede pública sobre as principais doenças sexualmente transmissíveis. *Revista de Enfermagem Do Centro Oeste Mineiro - RECOM*, 3(4), 1268–1280.

Rufino, É. C., Andrade, S. S. da C., Leadebal, O. D. C. P., Brito, K. K. G., Silva, F. M. C., & Dos Santos, S. H. (2016). Conhecimento de mulheres sobre ist/aids: intervindo com educação em saúde/ Women’s knowledge about sti/aids: working with health education. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 15(2), 304. <https://doi.org/10.4025/ciencucuidsaude.v15i2.26287>

Savegnago, S. D. O., & Arpini, D. M. (2016). A Abordagem do Tema Sexualidade no Contexto Familiar: o Ponto de Vista de Mães de Adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 130–144. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001252014>

Soares, L. R., Cabero, F. V, Souto, T. G., de Souza Coelho, R. F., Lacerda, L. C. M., & Matão, M. E. L. (2015). Assessment of sexual behavior among youth and adolescents of public schools [Avaliação do comportamento sexual entre jovens e adolescentes de escolas públicas]. *Adolescencia e Saude*, 12(2), 76–84. <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-84938582143&partnerID=40&md5=9df190551fd19e9e93a4a6d4fa15c944>

Spindola, T., Sodré, C. P., Oliveira, C. S. R., Teixeira, R. S., & Peixoto, H. de A. (2018). O diálogo com jovens acerca das infec es sexualmente transmissíveis – relato de experiência. *Aproximando*, 3(4), 1–8.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Mariana Almendra Cavalcante do Nascimento – 35%

Liana Maria Ibiapina do Monte – 10%

Ranieri Flávio Viana de Sousa – 18%

Brenna Galtierrez Fortes Pessoa – 14%

Alba da Silva Mateus – 07%

Elaine Ferreira do Nascimento – 16%